
O SER DO LIVRO: CONTINENTE E/É CONTEÚDO

Marina Ribeiro Mattar⁴⁰

Derdyk, Edith. *entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo: 2013, 247p.

O universo do livro de artista é um lugar a ser explorado. Objeto de admiração e estudo das áreas de letras, artes visuais e da bibliofilia, o livro de artista é livro, mas mais que isso, podendo ter a forma de escultura, livro ilustrado, instalação, livro-objeto, livro-poema, livro-catálogo, livro-obra e tantas outras formas. Diferente do livro “tradicional” ou “funcional”, em que o continente existe para o conteúdo, ou seja, em que o foco está na mensagem, no livro de artista o suporte é “essencialmente, um espaço poético do ‘aqui do onde’ e ‘do agora do quando’”, o espaço livro é o meio e a mensagem.

Em *entre ser um e ser mil* (grafado assim, em minúsculas), Edith Derdyk, artista plástica, ilustradora e educadora, busca tirar o véu do conceito de livro de artista e explorar esse universo particular dos livros, que procuram superar seu suporte e romper seus limites. Para isso, a autora convida “teóricos, designers, curadores, críticos, editores, artistas” a fim de englobar a transdisciplinaridade que envolve o livro, e mais especificamente, o livro de artista. Além disso, encontra-se no livro, em meio ao emaranhado de textos e imagens de livros, o que a autora denomina “escrituras visuais” feitas por artistas convidados, que usam o livro como suporte de sua expressividade, são eles: Guto Lacaz, Lucia M. Loeb, Elida Tessler, Paulo Bruscky, Raquel Stolf, Daniel Escobar e Marilá Dardot.

Os textos teóricos, ensaios e reflexões sobre o pensar e produzir livros de artista ficam a cargo de Paulo Silveira, Adolfo Montejo Navas, Galciani Neves, Elaine Ramos, Odilon Moraes,

⁴⁰ Mestranda em Estudos de Linguagens no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. E-mail: marina.rmattar@gmail.com

Amir Brito Cadôr, Martha Hellion, Sarah Bodman, Ana Luiza Fonseca, Regina Melim, Fabio Morais e Rafaela Jemmene. Cada qual escreve sobre diferentes aspectos do universo dos livros de artista e seus desdobramentos e deslocamentos, abordando as diversas áreas de circulação do livro como produção e comercialização; o panorama nacional e internacional; o conceito e a história do livro de artista; o livro de artista no meio digital; as possibilidades dentro da literatura infantil; a edição do livro de artista; a divulgação através de feiras etc.

Entre os autores, muitos estão vinculados a pesquisas acadêmicas sobre o assunto, em universidades brasileiras e estrangeiras. Destacamos os textos de Paulo Silveira, professor do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, autor do livro *A página Violada: da ternura à injúria a construção do livro de artista* (2008) Editora UFRGS e Amir Brito Cadôr, artista e professor da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), autor do livro *O livro de artista e a enciclopédia visual* (2016), Editora UFMG.

No capítulo de abertura do livro, assinado por Derdyk, a autora situa o leitor, de maneira muito singular e poética, que esse livro “tradicional” trata de livros “não-tradicionais”, focando seu olhar na produção recente, ainda um “território ativo e movediço”, encontrada em feiras, exposições e coletivos de artistas e editores que têm seu trabalho voltado para a circulação, distribuição e divulgação do livro de artista. A autora vai caminhando dentro e fora do conceito de livro, atravessando pela escrita, aquilo que é a essência do livro de artista, algo que busca ser ‘quem é’, entre tudo que há: ser um e ser mil. Evidencia que as distâncias entre um livro regular e um livro de artista é algo que só pode ser sabido por meio da experiência com o livro, entendendo que a aproximação se dá pelo fato de “o livro de artista ser um livro que se assemelha à forma-livro num primeiro instante, mas não ser um livro usual nos próximos momentos”. A autora fecha o capítulo apontando as dificuldades de mapeamento no estudo dos livros de artista em razão das dificuldades de definição do objeto, por ser tão específico e ao mesmo tempo tão abrangente, e por ser de natureza tão transitiva e móvel, que talvez fique arredio a contornos mais estáveis.

No capítulo A definição do livro-objeto, assinado por Paulo Silveira, temos um panorama sobre a história do livro-objeto, categoria do livro de artista, apresentando como sua identidade conceitual vem sendo reavaliada. Silveira mostra, nesse universo dos livros, como questões de catalogação e nomenclatura são relevantes para organização de acervos e bibliotecas e nos estudos sistemáticos, sendo possível reconhecer e restabelecer os elos que unem os termos às obras ou às características das obras (livro-objeto). O autor situa o livro-objeto como um livro que apresenta “uma solução inteiramente plástica ou uma solução gráfica funcionalizada plasticamente”, em que o “apelo da forma, da textura e da cor é eloquente e o principal determinante do processo criativo”

(p.20). A imersão do autor no assunto, denota o lugar de fala de Silveira, a Academia, no entanto é com muita clareza e domínio do assunto que ele marca a trajetória do livro-objeto, traçando também questões conceituais do campo do livro de artista, como a aparição de livros experimentais na era das vanguardas e a origem dos termos que designam os livros de artista hoje.

No capítulo Do verbal ao visual em livros de artista, de Amir Brito Cadôr, a escrita é a peça da chave da leitura. O autor desenrola uma narrativa poética que vai costurando a história do desenho à história da escrita, passando pela caligrafia e o desenho da letra, das origens orientais às linhas verticais góticas; seguindo aos grafismos, hieróglifos e aquilo o que há a ser descoberto por detrás das letras; adiante passa à composição tipográfica, e ao que é possível desenhar por meio das símbolos, números e das variações maiúsculas e minúsculas das letras, levando em consideração a posição dos elementos no espaço branco da página. Chegando onde “a palavra é um desenho”, o autor traz, no seio de seu texto, a ideia de Décio Pignatari, um dos criadores da poesia concreta, de que o “o poeta é o designer da linguagem”. Um pouco antes “poesia é risco”, fala de Augusto de Campos, também criador da poesia concreta, e aqui sabemos que não é possível falar de visualidade e de signo, sem passar pelos ideais dos poetas concretos. Não à toa, Amir traz a imagem de *Poemóbiles*, livro de Augusto de Campos e *Organismo*, de Pignatari, além de *Tatuagens*, de Edgar Braga, também ligado à poesia concreta. Cadôr finaliza o capítulo com “o meio é a mensagem” e aí nos damos conta que caímos na armadilha da escrita, onde a teia é o livro.

O fio condutor de *entre ser um e ser mil* passa pelo grupo concreto paulista, em razão do livro *Poemóbiles* (1974) de Augusto de Campos e Julio Plaza; pelos experimentos de Mallarmé em *Un coup de Des* (1897), talvez o precursor do livro “de invenção”; e os escritos teóricos-ensaísticos-poéticos de Ulises Carrión, em *El nuevo arte de hacer libros* (1971), traduzido primorosamente para o português por Amir Brito Cadôr, pela Editora C/Arte, em 2011. Esses nomes e livros aparecem diversas vezes, citados por diversos autores, constituindo na narrativa uma base para a compreensão da história do livro de artista, em seu aspecto material e conceitual.

O livro é um bom ponto de partida para quem deseja ter uma visão geral do universo do livro de artista, já que há poucas publicações sobre o assunto em língua portuguesa. Ele também é muito relevante para aqueles que desejam conhecer a quantas anda a produção de livro de artista no Brasil nos tempos atuais, mas também convida a voltar ao passado, caminhando por nossas últimas vanguardas (poesia concreta, neoconcreta, visual, a poesia-processo, o poema-práxis), com um olhar mais específico para as artes integradas, que tanto faltou aos nossos críticos literários e de outras áreas.

Por ser um espaço de legitimação, o livro (talvez) nunca perderá o seu prestígio, no entanto, esse espaço destinado à expressividade (sempre) poderá ser virado do avesso, subvertido, revertido e convertido em si e por si, feito pó sob os pés.

Recebido em 02/04/2018.

Aceito em 03/09/2018.